

*Reconstrução dos muros de Jerusalém:
uma aproximação arqueológica e hermenêutica
de Neemias 2,1-10 – 3,1-32*

*Reconstrucción de las murallas de Jerusalén:
una lectura arqueológica y hermenéutica de
Nehemías 2,1-10 – 3,1-32*

*Reconstruction of the walls of Jerusalem:
an archaeological and hermeneutical approach
of Nehemiah 2,1-10 – 3,1-32*

Resumo

Neste artigo apresentamos algumas conclusões sobre o valor histórico e teológico da narrativa bíblica da reconstrução do muro da Jerusalém de Neemias, auxiliadas pelas evidências arqueológicas. Ressaltamos a distinção entre o termo “muro” e “muros” e apresentamos algumas conclusões, destacando o muro de Neemias como linha divisória e delimitadora de pertença, limite geográfico e segregação religiosa, cultural e étnica.

Palavras-chave: Neemias; Jerusalém; Arqueologia; Muro; Judá.

Resumen:

En este artículo presentamos algunas conclusiones sobre el valor histórico y teológico de la narración bíblica de la reconstrucción de la muralla de la Jerusalén de Nehemías, auxiliados por las evidencias arqueológicas. Resaltamos la distinción entre el término “muralla” y “murallas” y presentamos algunas conclusiones, destacando la muralla de Nehemías como línea divisoria y delimitadora de pertenencia, límite geográfico y segregación religiosa, cultural y étnica.

Palabras clave: Nehemías; Jerusalén; Arqueología; Muralla; Judá.

¹Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), bolsista Capes Taxa. E-mail: omar.adbelem@gmail.com

Abstract

In this article we present some conclusions on the historical and theological value of the biblical narrative of the reconstruction of the wall of Jerusalem of Nehemiah, supported by archeological evidences. We emphasize the distinction between the term “wall” and “walls” and also present some conclusions, the wall of Nehemiah as dividing line and delimiting of belonging, geographical and religious limit, cultural and ethnic segregation. **Keywords:** Nehemiah; Jerusalem; Archaeology; Wall; Judah.

Introdução

Nos últimos anos estudiosos da Bíblia, principalmente do Antigo ou Primeiro Testamento têm discutido sobre a história de Israel e Judá. O assunto principal gira em torno do seguinte questionamento: A Bíblia pode ou não ser considerada uma fonte confiável de comprovação da história de Israel e Judá?

Cientes desse questionamento dos círculos acadêmicos e das dificuldades impostas pelo próprio texto, analisaremos neste artigo a narrativa bíblica de Ne 2,1-10 – 3,1-32, que trata sobre a reconstrução do muro da Jerusalém de Neemias, mediante uma aproximação arqueológica e hermenêutica. No campo arqueológico reconhecemos o valor e importância das evidências, dados e achados oriundos das escavações como elementos preponderantes para o exercício de uma boa exegese, mas, não a sobreposmos a arqueologia à narrativa bíblica e vice-versa.

Desta forma, nossa análise começa a partir do texto pelo texto, em especial pelas chamadas “memórias de Neemias”, especialmente os capítulos 2 e 3, e com o auxílio das evidências arqueológicas, discutiremos o seu valor histórico e importância para o período de transição, em que Judá deixa de ser semiautônoma e se torna uma província independente e autônoma.

No campo hermenêutico percebemos a reconstrução do muro como indicativo da existência de dois projetos distintos, que aqui denominamos de “Projeto Oficial” *versus* “Projeto Alternativo”. O primeiro é liderado por Neemias financiado pela elite exilada e pelo rei. O segundo trata da resistência ao projeto oficial, composto pelos autóctones e lideranças populares, contando inclusive, com o apoio de líderes influentes de povos vizinhos (ex.: Sanbalat, Tobias, Gósem etc).

Quanto ao prisma ideológico-religioso, o muro serviu de linha divisória e delimitadora contra influências religiosas, culturais e étnicas. Também serviu para determinar pertença, isto é, definir quem poderia ser considerado um verdadeiro israelita, o *Israel de YHWH*, o *remanescente fiel*.

Não temos todas as respostas, nem temos a pretensão de dar por esgotados os assuntos que aqui tratamos, visto que, muita coisa ainda

há para ser descoberta, mas, esperamos que essa análise abra caminhos para novas e esclarecedoras pesquisas, ainda mais, para um período tão obscuro e escasso de evidências arqueológicas como o período persa.

1. “Muro” ou “muros”?

Inicialmente queremos fazer uma distinção que julgamos necessária. É comum ouvirmos a seguinte expressão: Os “muros” ou “murallas” de Neemias. Muitos livros, inclusive, têm utilizado o termo no plural. Nas chamadas “memórias de Neemias” como em todo o livro que leva o seu nome², a palavra “muros” no plural (hb. תְּמוֹת – *homôt* = muros³) aparece apenas uma única vez, em Ne 4.1 (ou 4.7 nas traduções em português e na Vulgata Latina). O mesmo se pode dizer da tradução da LXX (τείχεσι⁴).

Ao analisar a tradução da Vulgata Latina, percebemos que a expressão no plural é muito comum (Latim: *muri* ou “muros” = muros. Ex.: Ne 2.8; 4.7 (TM 4.1); 4.15 (TM 4.9 etc), embora, a expressão no singular também ocorra com frequência (do Latim: *murum* ou muro = muro. Ex.: Ne 4.6 (TM 3.38; 4.10 (TM 4.4), etc.). Assim, a partir dessa análise podemos deduzir que o termo no plural é uma designação possivelmente difundida pela tradução da Vulgata Latina, pois, ocorre com maior frequência.

Feita a distinção, ainda não estamos seguros quanto ao significado da expressão, isto é, o que realmente quer designar o termo. Seria a única ocorrência no plural do termo encontrada no TM, uma referência a toda extensão do muro da antiga Cidade de Davi ou a uma parte dele? Seria uma referência a Jerusalém, identificando-a como uma cidade pequena e sem prestígio no período persa?

Quanto ao uso do termo no singular, seria a expressão, visto aparecer com maior frequência no TM, uma designação a uma parte do muro ou ao muro todo propriamente dito? Seria o muro uma reconstrução apenas ideológica-religiosa para determinar pertença, justificar a prática e implantação da Lei de Santidade e Pureza, e estabelecer limites geográficos (defesa dos interesses da classe dominante) ou também a criação de um forte militar? Sua reconstrução pode ser comprovada historicamente?

No próximo tópico tentaremos responder essas questões à luz dos dados e achados arqueológicos. Todavia, não esperamos que as evidências arqueológicas validem ou anulem a narrativa bíblica, pois, as mesmas

² Estudiosos distinguem no Livro de Neemias aquilo que pode ser considerado ou não como suas memórias (FINKELSTEIN, 2015, p.47; GRABBE, 1998, p.152; KALIMI, 2012, p.38, nota nº 3; GERSTENBERGER, 2007, p.160, e outros).

³ As memórias de Neemias do TM, a expressão ocorre com maior frequência sempre como substantivo comum feminino singular absoluto (חומה) ou como substantivo comum feminino singular construto (חומיה).

⁴ Gr. Trata-se de um substantivo comum no dativo neutro plural – “muros”. Em Esdras 4.12, a expressão no aramaico (שׁוּרַי) *shuray*, é traduzida no plural, pois, trata-se de um nome comum masculino plural determinado *Qere*.

também são passíveis de interpretação. O que buscaremos aqui pode ser resumido no argumento de Kaefer, sobre o papel e importância da arqueologia: “Há que se tomar cuidado, no entanto, para não sobrepor as descobertas arqueológicas ao texto bíblico. [...] O que não se pode fazer, para uma boa exegese, é cometer o disparate de ignorar as descobertas arqueológicas” (2015, p. 8-9).

Portanto, o que faremos é uma análise conjunta utilizando-nos das descobertas arqueológicas, para elucidar e melhor compreender o texto bíblico. Desta forma, não cabe aqui a afirmação de Ussishkin, ao dizer que: [...] “o corpo de dados arqueológicos deveria ser o ponto de partida para o estudo de Jerusalém [...]. Esta fonte de informações deveria ter prioridade, sempre que possível, sobre as fontes escritas, que são largamente tendenciosas, incompletas, e abertas a diferentes interpretações” (FINKELSTEIN, 2008, p. 503). Assim, utilizaremos em nossa análise os princípios apontados por Mathieu Richelle, sobre os limites e papel da Bíblia e da arqueologia, a saber: a) Confirmações; b) Comparações; c) Ilustrações e; d) Complementos (2017, p. 114-117).

2. *A Reconstrução do Muro de Neemias e a Arqueologia*

Há alguns anos o Antigo Testamento, especialmente no que tange a história de Israel e Judá têm sido tema de debate entre estudiosos da pesquisa bíblica. A temática principal ou o grande questionamento segundo Kaefer (2015, p. 11), é se a Bíblia pode ou não ser considerada uma fonte para comprovar a história de Israel e Judá.

Como é de se esperar, os debates envoltos dessa questão têm dividido os estudiosos e, isso, por si só, dificulta e muito o olhar e a compreensão dos textos bíblicos e dos dados arqueológicos, pois, cada análise é feita a partir dos próprios pressupostos metodológicos. Se em anos passados, havia uma forte crítica àquelas escolas que alinhadas com as suas posições, utilizavam-se da arqueologia apenas com a intenção de comprovar ou fundamentar a Bíblia, hoje, a crítica volta-se para os estudiosos e pesquisadores que se utilizam dos achados arqueológicos para questionar a historicidade dela (Bíblia).

Outra dificuldade existente nos estudos e pesquisas sobre a Judá do período persa é sumarizada por Carter (1998, p. 53) da seguinte forma:

O quadro arqueológico de Judá é quase tão fragmentário e problemático, quanto às tradições textuais relativas ao período Persa. Os estudiosos frequentemente notam a dificuldade em distinguir entre as formas de cerâmica do Ferro Tardio II, e as do início do período Persa. A confusão semelhante, frequentemente existe entre as formas do período tardio do Persa e os primeiros do helenístico, com o resultado de que a cerâmica dos locais que datam do século IV é frequentemente citada como persa/helenística. Além disso, muitas escavações que poderiam ter melhorado nossa compreensão

dos períodos Neobabilônico e Persa foram também escavadas ou interpretadas incorretamente, ou ambas⁵.

A proposição de Carter contrapõe não só a afirmação de Ussishkin (acima citada), como também apresenta os problemas que os estudiosos da pesquisa bíblica e os arqueólogos enfrentam, quando lidam com a cultura material do período persa e os textos bíblicos do mesmo período.

Cientes de tamanha dificuldade, não temos a pretensão de dar a última palavra e, isso, por algumas razões. Em primeiro lugar, sabemos o quanto é difícil assegurar a proposição da “neutralidade” arrogada pela pesquisa científica. Em segundo lugar, a arqueologia, é uma ciência interpretativa. Em terceiro lugar, como bem apresentado por Carter, os achados para o período persa são escassos e problemáticos, da mesma forma que os textos escritos e/ou narrados para o mesmo período e, em quarto lugar, o caráter polissêmico do texto bíblico, que além de possibilitar diferentes abordagens, permite também interpretações divergentes e, isso, inclui o texto que propomos a analisar aqui.

Para Finkelstein (2015, p. 47), a construção do muro é um tema importante nas memórias de Neemias. Entretanto, ele acredita que a narrativa de Ne 3.1-32, é uma adição às suas memórias e uma realidade por trás dele é a construção do Primeiro Muro da Idade do Ferro II, o qual cerca a grande cidade do século II AEC, incluindo o cume da Cidade de Davi e o Monte Ocidental.

Embora a ênfase da reconstrução do muro esteja inserida a partir de Ne 3, o capítulo 2 é o pano-de-fundo de toda a narrativa. Nele encontramos Neemias solicitando permissões e autorizações para reconstruir a cidade de Jerusalém, seu muro e a casa onde deveria morar (Ne 2,7). Nele também somos informados de que Neemias encontra total êxito em seus intentos e pedidos (Ne 2.4-6, 8b); sem qualquer questionamento por parte do rei aquemênida, Artaxerxe I Longimanus, a não ser, sobre quanto tempo levaria sua expedição.

Baseado em suas pesquisas e estudos, Finkelstein afirma que uma das poucas coisas que pode ser corroborado com a narrativa central das memórias de Neemias, é a sua situação vergonhosa. Em contrapartida, ele afirma que a necessidade de esforços de construção não existe lá, isto é, as descrições detalhadas da construção de um longo muro, com suas referências específicas a portões e torres, na verdade, reflete o pano-de-fundo do período asmoneu, portanto, trata-se de adições secundárias inseridas

⁵ Sobre os dados arqueológicos para os estudos dos períodos persa e helenístico, Lipschits (2007, p. 33) declara: [...] eles são, na verdade, bastante problemáticos. Em muitas das escavações em larga escala realizadas nos sítios arqueológicos em Judá, os estratos pertencentes ao final do período Persa e início do período Helenístico (Ptolemaico e Selêucida) são escassos; alguns revelaram poucos restos arquitetônicos com planos de construção obscuros ou covas (selos, entulhos etc.), enquanto outros deram, no máximo, cerâmica, o que em alguns casos não foram classificadas como estrato e não representou camadas de ocupação apropriadas.

nas memórias de Neemias (FINKELSTEIN, 2015, p. 54). O argumento de Finkelstein baseia-se em sua própria conclusão de que o território da Judeia no início do século II AEC, não foi muito diferente da Judeia dos períodos Persa e Ptolemaico.

Em outro artigo, Finkelstein (2008, p. 1) afirma que a arqueologia de Jerusalém não mostra evidência da construção de um muro no período persa ou da restauração de um muro da antiga cidade do Ferro II. Em resumo, Finkelstein afirma que, segundo as evidências arqueológicas, não há nenhum muro reconstruído por Neemias em Jerusalém: “o muro de Neemias não passa de uma miragem à luz da arqueologia” (2008, p. 509).

Diferente de Finkelstein, muitos estudiosos e pesquisadores, inclusive dos círculos arqueológicos, baseados nas mesmas evidências, aceitam a narrativa da reconstrução do muro de Neemias como histórica, diferindo apenas, no tocante, ao rumo das fortificações. Pesquisadores, como Lipschits e Edelman (FINKELSTEIN, 2008, p. 503), veem a construção do muro por Neemias como um momento decisivo da história de Judá, pois, segundo eles, esse evento marca a transferência da capital Mizpa para Jerusalém, isto é, quando Judá passa à condição de província autônoma. Lipschits, inclusive, reconstrói a história de Judá no período persa a partir da reconstrução dos muros de Jerusalém.

Stern (FINKELSTEIN, 2008, p. 503) também argumenta que a Jerusalém do período persa foi delimitada por muros erguidos por Neemias. Contra essa proposição, tem o seguinte questionamento: Por que razão as autoridades da Pérsia autorizariam a reconstrução das antigas fortificações arruinadas e fariam de Jerusalém a única cidade fortificada na encosta do país? A primeira sentença da pergunta ainda parece ser um mistério para os estudiosos, todavia, no tocante à segunda sentença do questionamento, estudos recentes afirmam que outras cidades foram fortificadas no período persa, como, por exemplo, Ramat Rahel, uma cidade 4 km a noroeste de Jerusalém e, ao que tudo indica, Ramat Rahel se transformou no maior centro coletor e armazenador de vinho, azeite, frutas e grãos no período persa.⁶

Entre os que admitem a historicidade da construção do muro da cidade de Neemias, o rumo das fortificações ainda é tema de debate. A discussão gira em torno de duas descobertas feitas na área, sendo uma na parte superior da encosta oriental da Cidade de Davi, e a outra, no lado ocidental da encosta. Com base nisso, Kenyon (FINKELSTEIN, 2008, p. 507) argumentou que por causa da destruição babilônica do muro e de construções na encosta oriental do cume, o muro da cidade de Neemias foi construído mais alto, no topo da encosta.

Baseado nas conclusões de Kenyon, Shiloh afirmou que o muro da cidade foi construído no alicerce do topo da encosta oriental, enquanto

⁶ LIPSCHITS (2011, p. 34).

Ussishkin sugeriu que Neemias reconstruiu o muro do Ferro II, na parte mais baixa da encosta oriental da Cidade de Davi (FINKELSTEIN, 2008, p. 508).

Sobre a historicidade da reconstrução do muro de Neemias, talvez a principal pesquisadora seja a de Eilat Mazar. Em um artigo sobre o tema, Mazar (2009, p. 1) afirma que:

No topo da encosta oriental da cidade de David, Neemias e os que voltaram do exílio construíram uma nova cidade murada (um novo muro da cidade). Apesar de eles repararem os muros pré-existentes em outro lugar da cidade, apenas o muro acima do íngreme Vale de Kidron foi muito danificado e muito difícil de reparar. Assim, eles mudaram o muro oriental mais acima na encosta [...] construiu-o diretamente no topo de um muro arruinado do palácio do Rei David (também conhecida como a Estrutura de Pedra Grande) e seu baluarte maciço (conhecida como uma Estrutura de Pedra Escalonada).

As descrições de Mazar parecem indicar que o termo “muro” se refere a um todo complexo de extensão, isto é, que Neemias reconstruiu todo o muro da antiga Cidade de Jerusalém. Outro fator importante no argumento de Mazar, é que apenas a extensão oriental da encosta sofreu alterações. Isso significa dizer que essa pequena mudança, fez da Jerusalém de Neemias um pouco maior que a Jerusalém de Davi, mas menor que a Jerusalém pré-exílica.

Contrário à ideia de que Neemias teria reconstruído todo muro da antiga cidade de Jerusalém, muitos estudiosos, com ressalvas, atribuem uma reconstrução apenas para os limites da colina oriental. Um dos argumentos utilizados para sustentar essa posição é o tempo recorde, em que uma comunidade pobre e sem recursos como era a de Jerusalém, levou para reconstruir o muro. Segundo Ne 6,15, toda a extensão foi reconstruída em 52 dias.

Sobre esse tempo recorde, Mazar (2009, p. 4) argumenta que havia um preço a ser pago:

Mas lá havia um preço a ser pago pela velocidade do trabalho. Ele foi pobre de acabamento. Isto é refletido amplamente na má qualidade da Torre Norte e do Muro 27. Macalister e Duncan, os primeiros escavadores da torre, descreveram-na com precisão: “os interstícios (entre as pedras da torre) são muito grosseiramente cheios em cima com lascas e com grandes quantidades de argamassa. As pedras não têm uma superfície lisa e acabada, e o preenchimento dos interstícios é tão mau feito que a superfície do muro apresenta uma série de aberturas e rachaduras.

A descrição de Mazar parece confirmar, portanto, o que os supostos inimigos de Neemias, Sanbalat e Tobias apontam e, que é visto com certa

dose ironia pelo redator/compilador em Ne 4,2-3, quanto à fragilidade das reformas.

Até o momento podemos perceber duas posições distintas sobre a historicidade do muro reconstruído por Neemias. A primeira posição baseada exclusivamente em evidências arqueológicas alega sua inexistência. Já a segunda posição alega sua existência e, por meio das evidências arqueológicas, distinguem-se apenas sobre o rumo das fortificações. Neste artigo, seguimos a segunda posição com uma ressalva: o que podemos confirmar sobre a narrativa bíblica, a partir das evidências arqueológicas, é que a reconstrução deu-se apenas ao lado da colina oriental, da antiga Cidade de Davi.

Talvez, Neemias tenha continuado e terminado as reformas relatadas em Ed 4,12-13, que em razão das denúncias de rebelião, (cf. Ed 4.13-21) tiveram que ser paralisadas por determinação imperial.

3. *A ideologia por trás da reconstrução do muro: Uma aproximação hermenêutica*

Entre outras possíveis, apresentamos três explicações sobre a necessidade da reconstrução do muro da Jerusalém de Neemias. A primeira é de viés nacionalista, onde a reconstrução do muro acentua a importância histórica de Jerusalém, em que ela mais uma vez é designada para figurar como capital de uma província autônoma.

A segunda encontra sua correspondência em questões político-administrativa. Podemos discorrer essa análise a partir de dois prismas: *a)* A permissão para reconstruir o muro só foi possível pela pressão da *Liga Delian*⁷ na costa do Mediterrâneo, afiançada pelas constantes revoltas do Egito; *b)* A permissão foi uma contrapartida administrativa por parte do império persa, para sufocar uma suposta participação de Jerusalém na revolta liderada por Megabyzos. Assim, a intervenção de Neemias evitou a revolta e ainda realizou a construção das defesas da cidade, embora, a narrativa bíblica deponha a favor da reconstrução do muro, em face da situação vergonhosa de Jerusalém.

A segunda posição sobre a possível participação de Jerusalém numa revolta é assumida por Olmstead (GRABBE, 2004, p. 296). A posição de Olmstead parece encontrar correspondência com Ne 2.1-9, onde junto com as permissões e autorizações imperiais, Neemias segue acompanhado de capitães e oficiais do exército persa. Diante disso, podemos formular a seguinte pergunta: Por que essa escolta oficial? Embora a viagem longa entre a capital de inverno real, o palácio de Susã, até Jerusalém estivesse envolta de muitos perigos e riscos, é possível arrazoar que a presença dessa escolta tinha por objetivo inibir a aliança de Jerusalém em revoltas, e,

⁷ Trata-se de uma liga militar organizada por Atenas durante as Guerras Médicas. Sua sede era a cidade grega de Delos, e o principal objetivo era defender as cidades gregas dos ataques persas.

também fazer da cidade um forte para combater as insurreições do Egito⁸, um inimigo antigo.

A terceira é de caráter político-religioso⁹. O caráter político que apresentamos agora se distingue do que apresentamos nas linhas acima, pois, voltamos às questões micro, isto é, as relacionadas com a província de Judá em seu interior e com a sua população. Assim, podemos ver na reconstrução do muro de Neemias a existência de dois projetos distintos. O primeiro denominamos de “Projeto Oficial”, representado por Neemias e seus aliados, isto é, os repatriados e seus financiadores, os exilados que haviam adquirido elevadas posições no império e o próprio império com os seus interesses. O segundo chamamos de “Projeto Alternativo”, que, segundo Ardila (ARDILA, 2011, p. 58), estava representado por Tobias, Sanbalat, Gosém, o sacerdote Eliasib, a profetiza Noadías, o profetismo popular, as mulheres do povo, sábios e sábias populares. Trata-se de um projeto de resistência em relação ao projeto oficial.

No tocante, ao aspecto religioso, Albertz (1999, p. 588) é providencial quando analisa a divisão religiosa na comunidade judaíta pós-exílica:

No entanto, o fato de que a comunidade judaíta pós-exílica também possuísse certos traços de uma sociedade fundada em princípios religiosos, teve que repercutir consideravelmente nos confrontos sociais e religiosos de seus membros. Enquanto em tempos pré-exílicos qualquer conflito, por violento que fosse, estava sempre limitado, pelo fato de que os membros rivais se reconheciam membros de um mesmo povo, ou seja, cidadãos do mesmo Estado, agora havia uma possibilidade de que determinado grupo negasse os demais sua pertença à mesma coletividade e arrogam o privilégio de representar o “verdadeiro Israel”. Assim, os conflitos religiosos se multiplicaram de maneira exorbitante, a ponto de se questionar o próprio pertencimento à comunidade. Isso explica não só a proliferação de uma ampla diversidade de correntes, assembleias e seitas de todos os tipos, mas também a sensação de que era necessário chegar a um compromisso integrativo (por exemplo, através da expansão do cânon dos livros sagrados) para colocar trava a progressiva desagregação da comunidade nas rivalidades partidárias.

O argumento de Albertz sugere que a reconstrução do muro da Jerusalém de Neemias, além de atender aos interesses da administração imperial, era um projeto segregacionista, separatista e exclusivista. O projeto oficial abrangia apenas aos repatriados, excluía os autóctones e os demais povos, negando assim, sua pertença à coletividade, delimitando quem era

⁸ Sobre a construção de fortificações em Judá, no período persa, cf. LIPSCHITS (2003, p.272).

⁹ Maiores informações sobre esse aspecto político-religioso da reconstrução do muro de Neemias podem ser consultadas em minha Dissertação de Mestrado, sob o tema: *Intensificação dos Conflitos Religiosos, Étnicos e Sociais na reconstrução do muro da Jerusalém de Neemias (Ne 2.1-10)*, disposta na Biblioteca da Universidade Metodista de São Paulo.

ou não “um verdadeiro israelita”, o “Israel de Deus”! Considerando esse aspecto, Zabatiero (2013, p. 256) afirma que essa pertença rígida serviu para quatro finalidades, a saber: *a*) Fundamentar e legitimar a nova estruturação fundiária em Judá, garantindo aos repatriados a posse das terras; *b*) A purificação da fé em YHWH, que na ótica dos novos líderes judaítas estava ameaçada pelo culto a deuses estrangeiros transmitidos às novas gerações por meio dos matrimônios mistos e contato com as outras nações; *c*) Fortalecer o avivamento religioso nas colônias judaicas na Babilônia e Egito, visto que, a convivência e a permanência com outros povos serviam de constantes tentações para o abandono da identidade judaíta e da exclusividade a YHWH; e, *d*) Oferecer uma situação concreta que legitimasse a construção discursiva do outro recusado e negado como os estrangeiros próximos da terra.

A construção do muro de Neemias evidencia a existência de conflitos religiosos entre diferentes tradições teológicas da época. Dentro do muro, uma religião oficial liderada por sacerdotes e levitas, fundamentada nas atividades do Templo, na Torah e nas Leis de Pureza e Santidade (Lv 17-26). Do lado de fora, a teologia profética (Ne 6.6, 14) e suas vertentes distintas, além das formas e práticas culturais próprias desenvolvidas pelos que ficaram na terra e outras teologias em vigor.

Diante do exposto, podemos afirmar que a narrativa da reconstrução do muro de Neemias, se sua comprovação histórica não pudesse ser atestada, ela quer legitimar uma prerrogativa religiosa de pertença (quem pode ser considerado ou não um verdadeiro israelita), estabelecer limites geográficos e separação das influências religiosas, culturais e étnicas.

Kalimi (2012, p. 135) apresenta quatro sugestões que justificam a reconstrução do muro de Neemias, visto como um símbolo que atende às demandas políticas, religiosas e econômicas do seu programa de reformas. O primeiro, diz que o muro foi um produto da oposição aos samaritanos (algo difícil de ser sustentado), portanto, uma defesa anti-samaritana. Nesse caso, uma defesa contra a influência religiosa. O segundo argumento afirma que o muro serviu principalmente a uma função política, isto é, foi uma ajuda na criação de uma identidade nacional. O terceiro, afirma que o muro não tem um contexto teológico, mas que deve ser entendido dentro da estrutura da economia e, o quarto argumento pressupõe que todas as afirmações teológicas devem ser entendidas como adições secundárias ao texto¹⁰. Isto significa dizer, que originalmente as memórias de Neemias estavam vazias de qualquer intenção teológica. Os defensores dessa teoria acreditam que redatores posteriores inseriram destaques teológicos isolados como, por exemplo, as orações de Neemias.

Em resumo, a reconstrução dos muros era a linha divisória e delimitadora, onde o verdadeiro Israel viveria sem mistura como povo escolhido

¹⁰ Essa posição também é sustentada por Gerstenberger (2007, p. 249).

e separado, fortalecendo assim, o argumento de um só Deus, um só povo e um só lugar de culto. A construção do muro também pode ser concebida como uma reivindicação dos ricos da época, assim, como se ver em nossos dias, a fim de apontar diferenciação social, cultural e econômica.

Considerações Finais

Neste artigo tentamos, a partir da narrativa bíblica e da arqueologia, discutir a importância da reconstrução do muro da Jerusalém de Neemias e se sua existência pode ser comprovada historicamente. Começamos nossa análise pela distinção do termo “muro” e “muros”. Vimos que no TM e na LXX, o plural ocorre apenas uma única vez, enquanto na Vulgata Latina, o plural ocorre com maior frequência. No TM, o uso da expressão muro no singular, bem pode ser uma designação para apresentar o tamanho pequeno de Jerusalém nos tempos de Neemias, conforme os dados fornecidos pelos achados das escavações arqueológicas.

Ainda sobre o muro, há ao menos duas posições distintas. A primeira sustentada pelas conclusões arqueológicas, em que se admite que para o período persa nunca houve reconstrução de muro algum. A segunda é sustentada por estudiosos e pesquisadores que interpretam os dados arqueológicos a partir da narrativa bíblica, havendo divergência apenas, quanto ao rumo das edificações do muro, onde uns acreditam que Neemias reconstruiu o muro na parte baixa da encosta oriental da antiga Cidade de Davi e, outros acreditam que a reconstrução aconteceu na parte alta da colina oriental.

Dito isso, em certa medida os dados arqueológicos confirmam a existência da reconstrução do muro de Neemias, atribuindo-lhe, portanto, valor histórico. O debate sobre o tema do muro, além de ser a espinha dorsal das memórias de Neemias, tem como principal objetivo marcar a nova posição da cidade de Jerusalém, que volta a figurar como capital de Judá e lhe dar o status de uma província independente e autônoma.

Em aspectos hermenêuticos, a reconstrução do muro acentua a existência ao menos de dois projetos no período persa, um designado como “oficial”, encabeçado por Neemias e seus aliados, financiados pela elite exilada e pelo império e, outro que designamos de “alternativo”, encabeçado pelas principais lideranças dos povos vizinhos (Sanbalat, Tobias, Gosém, etc) e por parte das lideranças populares de Judá, como sacerdotes, sábios e sábias, profetas, entre outros.

Por fim, argumentamos que o muro serviu aos ideais religiosos e teológicos da elite dominante, para fortalecer o argumento de um único Deus, povo e lugar de culto. Assim, o muro era a linha divisória e delimitadora para indicar pertença (verdadeiro Israel de YHWH), limites geográficos e separação religiosa, cultural e étnica.

Referências bibliográficas

- ALBERTZ, Rainer. *Historia de la religión de Israel en tiempos del Antiguo Testamento*. Desde o exílio hasta la época de los macabeos. Vol. II. Madrid: Ed. Trotta, 1999.
- ARDILA, Esteban Arias. *¿Oposición al proyecto de Dios? Una lectura crítica del libro de Nehemías desde los artífices opositores*. In: RIBLA, nº 70: Qui-to, Ecuador, 2011/3, p.53-62.
- Biblia Hebraica Stuttgartensia*. São Paulo: Ed. SBB, 1997.
- Bíblia de Jerusalém*. São Paulo - SP: Ed. Paulus, 2002.
- CARTER, Charles E. *The Emergence of Yehud in the Persian Period. A Social and Demographic Study*. England: Sheffield Academic Press, 1999.
- EILAT, Mazar. *The Wall that Nehemiah build*. Disponível em: <https://www.baslibrary.org/biblical-archaeology-review/35/2/7/acesso> em 10/08/2016.
- FINKELSTEIN, Israel. *Archaeology and the list of returnees in the books of Ezra and Nehemiah*. Disponível em: <https://israelfinkelstein.files.wordpress.com/2013/07/list-of-returnees-peq-2008.pdf/acesso> em 20/08/2016.
- _____. *Jerusalem in the Persian (and Early Hellenistic) Period and the wall of Nehemiah*. JSOT, 2008. Disponível em: <http://jsot.sagpub.com/acesso> em 10/12/2016.
- _____. *Nehemiah's adversaries: A hasmonaean reality?* Disponível em: https://www.academia.edu/30105351/Nehemiahs_adversaries_A_Hasmonaean_Reality/acesso em 10/12/2016.
- GERSTENBERGER, Erhard. *Teologias no Antigo Testamento*. Pluralidade e sincretismo da fé em Deus no Antigo Testamento: São Leopoldo – RS: Sinodal, 2007.
- GRABBE, Lester L. *A History of the Jews and Judaism in the Second Temple Period*. Yehud: A History of the Persian Province of Judah. Vol. I. London/New York: T&T Clark International, 2004.
- GRABBE, Lester L. *Ezra-Nehemiah*. London/New York: Routledge, 1998.
- KAEFER, José Ademar. *A Bíblia, a Arqueologia e a história de Israel e Judá*. São Paulo – SP: Ed. Paulus, 2015.
- KALIMI, Isaac. *New Perspectives on Ezra-Nehemiah*. History and Historiography, Text, Literature, and Interpretation. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2012.
- LIPSCHITS, Oded; BLENKINSOPP, Joseph (eds.). *Judah and the Judeans in the Neo-Babylonian Period*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2003.
- LIPSCHITS, Oded; KNOPPERS, Gary N; ALBERTZ, Rainer (Eds.). *Judah and Judeans in the Fourth Century B.C.E*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2007.

- LIPSCHITS, Oded; KNOPPERS, Gary N; OEMING, Manfred. *Judah and the Judeans in the Achaemenid Period*. Negotiating Identity in an International Constex. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2011.
- RICHELLE, Matthieu. *A Bíblia e a Arqueologia*. São Paulo – SP: Ed. Vida Nova, 2017.
- ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Uma história cultural de Israel*. São Paulo – SP: Ed. Paulus, 2013.